

HORÁCIO. *Arte poética*. Intr., trad. e notas de R. M. Rosado Fernandes. 4ª ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2012.

Joana Junqueira Borges

Raul Miguel de Oliveira Rosado Fernandes, professor do departamento de Filologia Clássica da Universidade de Lisboa, publicou pela quarta vez sua tradução da *Arte Poética* de Horácio, dessa vez pela Calouste Gulbenkian, tradicional fundação e editora lisboeta.

Cabe aqui a questão da importância de se atentar então para mais uma edição de Rosado Fernandes, uma vez que uma obra de tanto fôlego como a *Arte Poética* tenha tido tão poucas traduções contemporâneas. Além disso, a última publicação de R. M. Rosado Fernandes, de dez anos atrás, se esgotou, de modo que esta reedição se fazia necessária.

Segundo um levantamento apresentado na própria edição de Rosado Fernandes, a maior concentração de estudos e traduções da *Arte Poética*, em Portugal, se localiza no século XVIII, havendo algumas no século XIX e apenas uma, além da sua, no século XX, datada de 1905. No entanto, a (re)leitura de sua tradução, mesmo que outras houvesse, não seria menos necessária.

Como em suas edições anteriores o tradutor apresenta um dedicado e elucidativo estudo de Horácio, sua vida, suas obras e gêneros em que poetou, além de tratar especificamente da *Arte Poética*, de suas especificidades, suas fontes e sua recepção. Esse cuidadoso estudo, fruto da formação retórica do tradutor¹, é de grande valia não só para o leitor especializado, mas também para quem quer saber e entender melhor a obra de Horácio.

Para sua nova edição, Rosado Fernandes oferece novas traduções do poeta latino: a *Epístola II, 1* a Augusto, a *Epístola II, 2* a Floro, além da *Sátira I, 4* na qual Horácio trata da Comédia Antiga.

As inserções do tradutor de novos textos latinos vertidos conferem grande valor à nova edição da *Arte Poética*. Há ainda o cuidadoso e dedicado prefácio de Rosado Fernandes a esta edição, em que disserta brevemente sobre a importância da *Arte Poética* e da necessidade da presente publicação, apresentando para isso diversos autores especializados e estudos sobre o tema.

A inserção da *Sátira I, 4* é especialmente interessante por tratar de autores e de assuntos concernentes à Comédia, lembrando que as artes poéticas antigas, em especial de Aristóteles não teoriza sobre esse tipo literário.

A *Epist. II, 1*, dedicada a Augusto é quase que um tratado de literatura, e nele Horácio contrapõe o antigo com o moderno, questionando os prêmios cedidos só aos antigos e a má aceitação do novo pela sociedade romana.

¹ Cf. a tradução de R. M. Rosado Fernandes para *Elementos de Retórica Literária* de Heinrich Lausberg (1993), além de sua publicação em *Dionísio de Halicarnasso, Tratado da Imitação* (1986).

Na *Epist. II, 2* Horácio está respondendo a Floro, que lhe havia pedido poemas. De maneira bastante ácida, mas sem deixar de ser educado, o poeta romano lhe diz que tem preguiça e que não precisa mais de dinheiro, além de não conseguir mais escrever na cidade barulhenta. Nesse texto Horácio já prenuncia questões que serão aprofundadas em sua *Arte Poética*, tais como o trabalho do poeta, os neologismos e o ritmo.

Embora Rosado Fernandes justifique sua nova seleção de textos à maneira do que fez C. O. Brink, que publicou além da *Arte Poética* as cartas a Augusto e Floro, a presença na edição portuguesa da *Sátira I, 4* atesta que o tradutor procurou selecionar textos horacianos com viés metaliterário, trazendo para a cena o lado crítico literário do poeta latino.

Com exceção da *Sátira I, 4*, todos os textos acompanham “Comentários e Notas” ao final da tradução. Há ainda notas de rodapé que explicam termos, expressões e, em alguns momentos, discussões sobre o assunto tratado nos versos.

O livro traz ainda uma compilação de obras sobre Horácio e sua *Arte Poética*, entendidas pelo tradutor como a “Principal Bibliografia Moderna”, organizada em edições, comentários e obras diversas.

Quanto à tradução propriamente dita, R. M. Rosado Fernandes realiza uma tradução em prosa, mas não prosaica, da *Arte Poética* de Horácio. Não se percebem mudanças das edições anteriores para essa, tanto no texto, quanto nas notas. Rosado Fernandes se vale das notas de rodapé para explicar assuntos, como a divisão em quatro partes que ele adota para a *Arte Poética*, conforme o estudo de Brink, avisando a cada mudança de parte. Essas notas macroestruturais convivem com comentários mais pontuais como aqueles de caráter cultural, histórico ou linguístico, ou ainda aqueles que explicam ao leitor sobre os assuntos que virão a seguir, como na nota referente ao verso 128-130.

De início o esquema das notas de rodapé, marcadas por verso e não a cada termo, parece ser confuso e nos obriga a lê-las a cada virada de página. Mas ao nos acostumarmos com a leitura percebemos que o sistema adotado funciona e ganhamos com o texto “limpo”.

Vale lembrar que para o leitor brasileiro a nova versão de Rosado Fernandes também é importante e necessária. Deste lado do Atlântico as traduções para a *Arte Poética* horaciana são raras, e, quando as encontramos, como a de Dante Tringali e a de Jaime Bruna, deixam a desejar no que tange ao aparato de referências críticas e embasamentos teóricos.

Por outro lado a tradução lusitana em questão vem acompanhada de dados relevantes sobre a obra e o autor latino, além de um panorama de estudos sobre o tema e de traduções portuguesas desde o século XII. Rosado Fernandes procura apresentar brevemente um comentário sobre cada uma das traduções ou estudos que cita.

No entanto, algumas de suas críticas não ficam muito claras, como é o caso da que tece à Marquesa de Alorna, afirmando que “a tradução é bastante prosaica” (p.40). É compreensível que, mesmo sendo em versos, a tradução seja chamada de prosaica, mas nos fica a dúvida se essa crítica é porque a tradução era pretensamente poética e não conseguiu seu intento.

Nesse sentido cabe questionar os motivos pelos quais Rosado Fernandes não apresenta, também nesta edição, um esboço sobre seu projeto de tradução. Embora ao comentar as traduções anteriores possamos verificar, por exemplo, que ele não concorda com o fato de a *Arte Poética* de Cândido Lusitano ser traduzida em versos “[...] devido ao facto de estar trasladada em vernáculo saboroso, se bem que o autor a tivesse feito em verso” (p.36), e contesta as críticas feitas a essa tradução por ser prosaica, argumentando que se trata de uma poesia didática.

Enfim, seria interessante saber o que o tradutor propõe para sua versão, quais são os pontos que considera fundamentais para uma tradução de Horácio e como pretendeu cumpri-los. Isso só traria ainda mais interesse à sua tão cuidada tradução.